Jornal da Tarde

São Paulo, 20 de setembro

ARTES PLÁSTICAS

LEILÃO DE ARTE A PRAZO é coisa nova no Brasil, bossa lançada pela Petite Galerie e que provou ser um sucesso com os valores alcançados no pregão da última semana no Copacabana Palace. Para os que apreciam concertos, existem os minutos de concentração em que os músicos afinam seus instrumentos e se preparam para tocar, tem um encanto especial esse momento. Para os apreciadores de leilões (e de arte moderna), os momentos encantadores de concentração acontecem nos dias que precedem o evento, quando objetos que valem milhões estão espalhados pelo ambiente e pouco a pouco, especialistas dão forma para que tudo esteja na mais perfeita harmonia, buscando atrair o olhar dos compradores em potencial.

O leiloeiro oficial Horácio Ernani, terceiro na família por ordem de geração a seguir esse rumo, intercalava o recebimento de lances com observações humorísticas, alertas aos auxiliares e até pedido de cadeiras extras, pois muita gente assistia ao leilão em pé. Oferecendo ao público a oportunidade de adquirir obras de arte de grandes mestres da pintura brasileira, bem como o trabalho de jovens talentos, a tendência geral das obras apregoadas era o modernismo, com exceção dos *cuzquenhos*, ex-votos e carrancas do Rio São Francisco, que o diretor da P.G., Franco Terranova, apostou como tendência para o mercado. O evento foi organizado e apoiado pelo casal Nininha e José Luiz Magalhães Lins e parte não especificada dos lucros será destinada à associações de caridade.

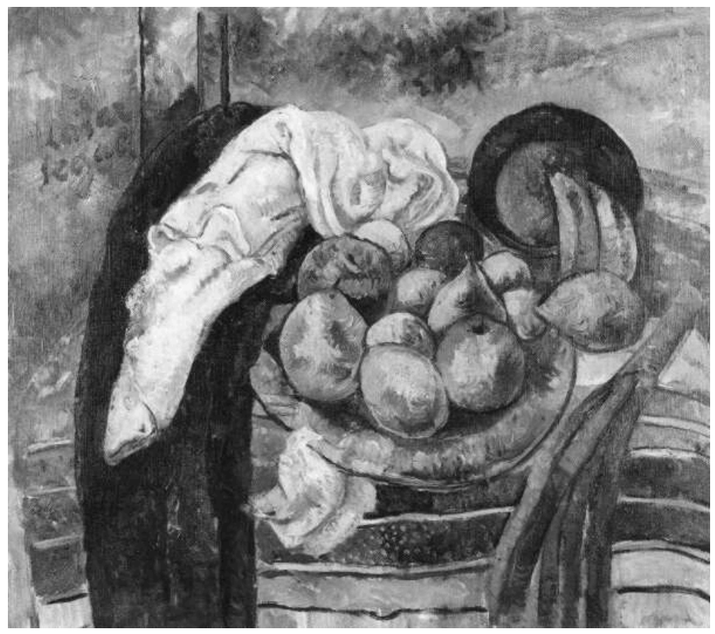
Pouco antes do evento começar, chegaram dois fiscais: de Vendas e Consignações e do Imposto de Renda, que quase impediram o andamento do leilão. Por sorte, um dos sócios da P.G, o Sr. José Carvalho, teve uma breve reunião com os Srs. e explicou que tudo estava preparado e organizado para começar e que ambos deveriam ter se manifestado antes. Tinham pessoas influentes esperando para apoiar as artes como jamais visto, ansiosas para fazerem seus lances (algumas, inclusive, já tinham feito ofertas iniciais dias antes do evento), Os dois homens passaram a noite com um bloco de notas e caneta nas mãos, sem deixar escapar um nome e valor. Caros amantes da arte, cuidado com o Imposto de Renda!

Não posso deixar de destacar o profissionalismo de Oscar Ornstein, "*public relations*" de primeira ordem do Copacabana Palace, que mandou derrubar duas paredes do hotel para comportar a avalanche das 2 mil pessoas presentes. Ele também conseguiu reunir no Golden Room, mantendo uma boa distância diplomática, alguns dos mais notórios rivais da nossa sociedade, especialmente diretores de jornais, evitando qualquer embate que pudesse perturbar a noite. Felizmente, as disputas ocorreram apenas através de lances ágeis e obscenos.

Nos dias prévios ao leilão, se o público entrasse pelo *hall* do Teatro Copacabana e subisse a escada, encontraria à esquerda o vasto salão cedido pelo hotel para a P.G., onde, alguns dias antes do evento, foram expostas as 250 obras leiloadas. Além de alguns ex-votos e as raras carrancas esculpidas em madeira para a proa de antigos barcos, se fizeram presentes esculturas de Agnaldo e Bruno Giorgi, desenhos e gravuras de Goeldi e Grassmann, tapeçarias de Genaro e obras dos mais importantes pintores brasileiros estavam presentes, como Segall, Portinari, Pancetti, Guignard, Di Cavalcanti, Tarsila, Volpi, Iberê, Djanira e um primitivo: Heitor dos Prazeres.

O catálogo, impresso por "Manchete" e demonstrando bom gosto e a competência desses gráficos, foi imaginado por Franco Terranova e Luciano Maurício, trazendo uma bem-humorada apresentação de Otto Lara Resende. Diz ele que um quadro é uma alegria para sempre. Vamos pois, arrematar quadros e ajudar as crianças pobres.

O evento teve início com um "*speech*" do professor Flexa Ribeiro, ex-diretor da Escola Nacional de Belas Artes, e a primeira obra arrematada foi a gravura "Pescadores" de Goeldi. "Calvário" de Guignard foi vendido por 1,5 milhões, um tapete de Genaro por 550 mil e um Segall por 8 milhões. Alguns lances foram inesperados, como uma tela de Djanira arrematada por 3,2 milhões, enquanto um Portinari



Pintura a óleo "Natureza Morta" de Lasar Segall, arrematado por 8 milhões
Coleção Casa Museu Ema Klabin / Foto: Patrícia di Filippi

recebeu lance de apenas 1,5 milhões. Um trabalho de José Paulo Moreira da Fonseca foi adquirido por 2,2 milhões, muito acima de seu valor real. A disputa mais empolgante foi travada entre os Srs. José Luiz Moreira de Sousa e José Martins Freire, em torno da tela "Mulata com Flores" de Di Cavalcanti. O Sr. Martins Freira arrematou-a por 5 milhões. Ao final, foram vendidos 70 milhões em obras e todas serão entregues pela Petite Galerie até o dia 10 próximo com certificado de garantia. Foi sorteado um belíssimo "São Sebastião" de Guignard entre os compradores, que coube ao Sr. Samuel Waissman, o maior arrematador da noite.

Os preços alcançados e o entusiasmo do público presente, que dividia-se entre colecionadores, investidores e simples apreciadores de objetos artísticos, mostram uma nova mentalidade popular em relação à pintura e às artes. É preciso desmistificar o público que frequenta leilões de arte, nem todos fazem parte de uma elite e muitos veem o evento como uma experiência didática, para conhecer melhor as diversas artes e desfrutar das emoções que um bom leilão oferece. Com exceção do Sr. Carlos Prado, uma figura muito pacata e assustada com o leilão, que lhe dava a impressão mais da Bolsa de Valores de Nova Iorque do que um espaço para beneficiar as artes, foi sem dúvida uma noite de sucesso. Extremamente artístico, o leilão da Petite marca uma nova etapa no setor das artes plásticas e as atividades promovidas por Franco Terranova têm pesado bastante no incremento que o mercado de arte recebeu nos últimos tempos.

ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD

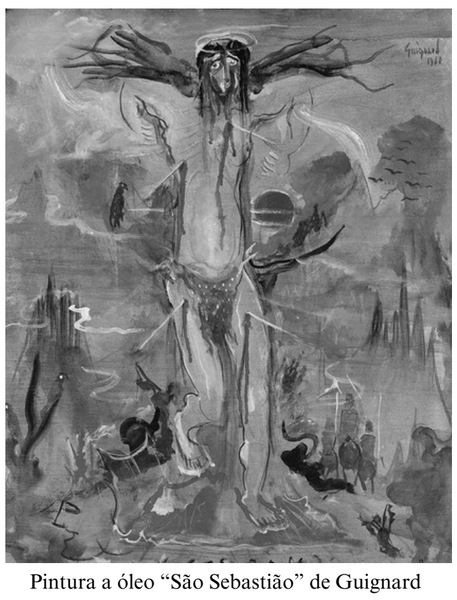
Os sócios da Petite Galerie realmente fizeram o quase impossível: foram à Minas e trouxeram mais de 30 obras de Guignard. Tudo que foi pintado por ele vende facilmente e seus amigos já trataram até de transformá-lo em Fundação. É verdade que após sua morte e assinatura do contrato de exclusividade com a P.G., seus quadros subiram em quase 100 por cento. O Sr. Geraldo Andrade, que acompanha a produção do artista desde a época que suas obras não alcançavam mais que 300 mil, afirma que a alta nos preços se deve ao novo espírito do comprador brasileiro, que passa a encarar a arte com seriedade e reconhece seu valor econômico, afinal um bom quadro também se constitui num bom investimento. O Sr. Waissman, ganhador do sorteio do "São Sebastião", pode ter levado para casa um dos maiores presentes da noite.

Estrangeiros por toda parte

A paisagem da Guanabara vem mudando, e não estou falando apenas dos novos prédios em Copacabana, que transformaram o bairro no mais elegante do Brasil. Encontro estrangeiros por toda parte, alguns em viagens de negócios e de lazer com suas famílias, acenando das janelas do Copacabana Palace, outros com residência estabelecida em Santa Teresa e na região da Gávea. Basta ir para São Paulo que as ruas cariocas voltam a parecer nacionais e homogêneas, mas não deixo de perceber os novos restaurantes e comércios que surgem a cada ano. A cerveja alemã me agrada e tenho ido às cantinas italianas na Tijuca toda quinta-feira durante o almoço.

Europeus encontraram no Brasil sossego após os horrores da guerra e têm contribuído em áreas diversas da sociedade como a indústria, o comércio, as finanças e atividades especulativas, os meios de comunicação e a cultura. Literatura, cinema, teatro, música, moda… Temos presenciado uma sensibilidade inédita e uma gramática cultural variada, por mais que tenha quem insista que os modos e hábitos dos estrangeiros não condizem com o clima carioca. Apenas o conhecimento vindo do exterior pode explicar a excelência dos novos museus paulistas e como os agricultores italianos foram praticamente os únicos a superar a crise das laranjas na Baixada Fluminense, ainda por cima obtendo créditos financeiros e ampliando seu capital. Acredito que temos como nos beneficiar e aprender com o intercâmbio.

Os novos capitais em circulação não devem ser vistos como ameaças à concorrência nacional, uma vez que fortalecem a economia do país, atraem investimentos externos e, além disso, favorecem o surgimento de novos mercados. Sabemos, contudo, que essas transformações não são por acaso. O governo brasileiro facilitou a entrada de capitais estrangeiros exigindo apenas a sociedade com brasileiros ou a compra de empresas nacionais. Um relatório divulgado pelo Banco do Comércio afirma que o cenário é otimista e a sociedade vem se ajustando ao desenvolvimento econômico e modernização vivida pelo país. Completam ainda, que nada disso é fruto de raízes recentes, mas os benefícios e resultados de décadas de trabalho. É confortador revisitar os inúmeros problemas de ordem geral que foram superados pelo povo brasileiro: o ajuste ao regime de trabalho livre, adaptação do sistema monetário às exigências de um Estado moderno, a normalização da dívida externa, a atração de capitais estrangeiros, a procura e a integração de imigrantes, a industrialização e todos os problemas de ordem social que vieram com ela. Se Copacabana é o Brasil, o Brasil é o mundo.



Pintura a óleo "São Sebastião" de Guignard

COMPRE SEU QUADRO E GUARDE ÊSTE ANÚNCIO POR 10 ANOS

petite galerie pg

1961 CRIAMOS 100 NOVOS MILIONÁRIOS NO PAIS:
Vendemos a 100 compradores diferentes inúmeras obras de artistas brasileiros cujo valor variava entre 30 e 200 cruzeiros. Hoje elas valem algumas dezenas de milhares de cruzeiros. Um investimento fascinante, para não falarmos no prazer de conviver com uma obra de arte.

1971 SEJA VOCÊ O PRÓXIMO MILIONÁRIO.
Leiloaremos hoje, amanhã e quinta-feira, às 21 horas, em nossa nova sede (Rua Barão da Tôrre, 220, em Ipanema), mais de duzentas obras de artistas como Portinari, Di Cavalcanti, Ismael Nery, Volpi, Guignard, Pancetti, Dacosta, Rego Monteiro, Visconti, Tarsila, Sigaud, Geza Heller, Grassmann e outros.
Você terá também a oportunidade de escolher entre os artistas jovens os que amanhã serão os grandes mestres.
★ TELEFONES: 267-0921 e 287-0231.

petite galerie Ernani Leiloeiro

COPEG

PARTICIPE DOS SORTEIOS DAS OBRAS QUE A PG OFERECERÁ DIÀRIAMENTE AOS ARREMATANTES

Jornal do Brasil: Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1971. Caderno B, pg. 3

Em sociedade

CHUVA DE MILHÕES NO GOLDEN ROOM DO COPA

O leilão a prazo promovido pela Petite Galerie na última quinta-feira foi um sucesso e tivemos uma verdadeira chuva de milhões durante a noite, tendo alguns dos presentes feito compras a preços inacreditáveis.

***

Franco Terranova conversava com o Sr. Embaixador Pascoal Carlos Magno, Srª. Niomar Muniz Sodré e Sr. João Neder, sendo o último um ágil comprador, que perdeu apenas a compra de um Segall, arrematado por 8 milhões pelo Sr. Samuel Waissman.

***

Vestindo belíssimos casacos de vison claro, as Srªs. Nininha Nabuco Magalhães Lins (responsável pela organização do leilão), e Lourdes Catão, roubaram a cena e eram as senhoras mais elegantes do Golden Room. As *patronesses* da noite fizeram seus lances e muitas vezes disputaram (com sucesso) com homens poderosos.

***

Malu Ouro Preto comentou assustada: "No ano passado eu comprei um Moreira da Fonseca (Porta Verde) por 100 mil e hoje ele está sendo vendido aqui por 6 milhões!". Não só os preços, como o tumulto de pessoas de pé foi surpreendente. O leiloeiro Ernani solicitou que fossem retiradas cerca de 30 cadeiras antes do início do evento, com receio de lugares vazios…

***

O pagamento dos quadros pode ser feito em até 10 meses e muitos se aproveitaram da oportunidade de adquirir obras de arte sem pesar nos bolsos. Dona Teixeira, da Embaixada Brasileira em Madrid, também ficou impressionada com os preços. No final, foi ótimo terem cobrado esses valores. Compra quem tem dinheiro e uma porcentagem da venda destina-se à instituições de caridade.

***

Sérgio Bernardes estava "doido" por uma carranca e depois de muito lutar, arrematou a peça por 2 milhões e pagará apenas 200 mil por mês. A Srª Plínio Sales Souto comprou uma Tarsila por 3 milhões e 400 mil; João Martins Freire arrematou um Di Cavalcanti por 5 milhões e 900 mil.

***

Carmen Mayrink Veiga e Oscar Simon comentavam sobre a beleza e elegância do ambiente. Nininha recebeu cumprimentos da embaixatriz da Nigéria pelo refinamento na organização. A Srª Magalhães Lins foi incansável na preparação do leilão.

***

No final da noite, Carla Sampaio chegava de um jantar na casa de Maria Eudóxia Gualberto. Palestrou rapidamente com Stella Marinho, e manteve uma longa conversa com Glorinha Sued.

***

Com o fim do leilão, a Srª Niomar Muniz Sodré, acompanhada de seu crítico de arte, Jaime Maurício, comentavam que os preços haviam atingido as raias da loucura enquanto tomavam uma sopa de cebola.

***

Mais do que um simples leilão, a noite promovida pela Petite Galerie foi o retrato de uma época em que o valor da arte se confunde com o valor das amizades. Que venham os próximos e que o sucesso seja tão grande quanto esse!

Este jornal apresenta narrativas fabulativas, reconstruindo estratégias utilizadas pela Petite Galeria para consolidação de um mercado de arte nacional e criação de demanda, a partir da inserções de notícias e anúncios na mídia impressa nas décadas de 1960 e 1970.

Jornal da Tarde

São Paulo, 20 de setembro

TRÊS MINUTOS PARA ARREMATAR, DEZ MESES PARA PAGAR

PETITE GALERIE ADENTRA NOVA FASE com o lançamento de inédito sistema para a compra e venda de arte no Brasil. Nos rastros da Galeria Bonino, a P.G. firma objetivos para formação de um mercado de arte nacional, oferecendo financiamento para a aquisição de obras. Em colaboração com o Banco Sotto Maior (o financiador), o modelo já foi implementado no último leilão promovido pela galeria, que funcionou da seguinte forma: o pretendente tem três minutos para arrematar e dez meses para pagar. O lance dado é equivalente ao valor da prestação mensal a ser paga, sem contar a porcentagem de 5% destinada ao leiloeiro. Sem entrada e sem juros, quadros de artistas como Portinari, Volpi, Da Costa e Tarsila podem ser comprados com as mesmas facilidades que protegem os artigos eletrodomésticos. Com isso, a Petite Galerie não só facilita a compra de quadros e amplia o mercado brasileiro de artes plásticas, como atende à nova mentalidade do povo, que está compreendendo o valor de uma obra de arte.

Franco Terranova, que comanda a P.G. há quase uma década, conta que a ideia de inaugurar a comercialização de obras à prazo partiu do Sr. José Carvalho há mais de dois anos. Na ocasião, não foi possível implementar o modelo, mas a volta de José Carvalho dos Estados Unidos, somada à imediata disposição do casal Nininha e José Luiz Magalhães Lins a financiar as aquisições, fez com que os três sócios levassem a iniciativa adiante.

A Petite se reinventou ao deixar a Av. Atlântica pela nova sede na Praça General



1ª Leilão a Prazo organizado pela P.G. no Copacabana Palace
Fonte: CORRÊA, Gabriela Caspary, 2018, pg. 92

Osório (que de "*petite*" carrega apenas o nome). Com projeto de um arquiteto da categoria de Sérgio Bernardes, a galeria é elegante e comporta salas de exposição, negociação e depósito, abrigando um acervo de mais de 100 obras, entre as quais Portinari, Di, Guignard, Djanira, Volpi, Dacosta, Leontina, Darel, Eliza, Marcier e alguns estrangeiros. O formato de contrato com os artistas também é novidade, podendo ser um contrato de financiamento, contrato de exposição ou contrato de exclusividade. Nas palavras de José Carvalho, os sócios buscam apresentar um nível elevado de arte, proporcionando aos artistas possibilidades mais amplas de venda e, ao público, possibilidades maiores de compra.

Outra estratégia adotada pela galeria foi a criação do Clube de Colecionadores da Petite Galerie, constituído por um círculo de pessoas interessadas em artes modernas e selecionadas entre elementos da sociedade e da elite cultural da cidade. Os associados gozam de diversos benefícios, entre eles pré-*vernissage* das exposições, sorteios semestrais de duas obras de arte premiadas nos salões de Maio e Novembro, crédito aberto para compras na P.G. e nos ateliês de artistas financiados pela galeria e utilização dos serviços de "Bolsa de Quadros". Os membros do Clube devem apenas depositar uma importância mensal de 5 mil na conta da Petite Galerie e o valor será revertido para a compra de obras na mesma. O objetivo do Clube de Colecionadores é de dar maior impulso ao mercado de artes plásticas com benefício para os artistas e para a cultura em geral.

E para aqueles que ainda não tiveram a oportunidade de comprar um quadro na Petite Galerie, basta ir à galeria em Ipanema, escolher uma obra que lhe agrade e garanto que será muito bem atendido por Franco e sua equipe.

FRANCO TERRANOVA

Uma mente criativa e um espírito empreendedor definem Franco Terranova, italiano que chegou ao Brasil em 1947 para mudar a cara do mercado nacional de artes plásticas. Assumiu a direção da Petite Galerie em 1953, espaço criado no ano anterior pelo artista ítalo-peruano Mario Agostinelli. O sucesso da P.G., contudo, não foi imediato e resgatar artistas modernos para aquecer o mercado foi uma ótima estratégia adotada por Franco, que no início também exercia outras atividades - Como desenvolver trajes masculinos dentro das empresas Ducal, momento que se aproximou de José Carvalho. Franco atravessou momentos árduos com a galeria e crises financeiras que levaram a Petite a fechar as portas, mas foi graças à sua persistência e visão, aliadas à *expertise* de seus sócios, que culminou no sucesso que hoje vemos impresso em todos jornais do Rio de Janeiro.

JOSÉ CARVALHO

Apontando sua intervenção na Petite Galerie como "experimental", José Carvalho conta que sua participação não tem finalidades promocionais, mas origina do gosto por obras de arte e por um gosto maior ainda pelo comércio. Após participar de um leilão no MAM, Carvalho não teve dúvida da euforia causada pela aquisição de obras de arte e decidiu embarcar na empreitada de Franco. Fundador e presidente do Grupo Ducal, que hoje é composto pela Cia Brasileira de Roupas, Agência de Publicidade Denison, a empresa de computação Datamec, os bancos de crédito Delta e Decred e outras, José Carvalho espera que as vendas das 36 lojas associadas à empresa atingirão, até dezembro, um aumento de cento e cinquenta por cento sobre o ano passado, totalizando 22 bilhões. Se o empresário teve sucesso em áreas que abrangem de alimentação à imobiliária e varejo, tenho certeza que com a arte não será diferente.

JOSÉ LUIZ MAGALHÃES LINS

Nascido em Arcos, Minas Gerais, primo da artista Lygia Clark e grande amante e patrono do cinema, o banqueiro José Luiz Magalhães Lins e sua esposa, Nininha, fazem pela cultura do Rio de Janeiro algo como nunca se viu antes. Presidente do Banco Sotto Maior e do Banco Comercial de Minas Gerais, vice-presidente do Banco Nacional de São Paulo e diretor-conselheiro de diversas organizações no sudeste, José Luiz (ou Zé Luiz, como chamam seus amigos) cuida de assuntos administrativos e financeiros na Petite Galerie, trazendo um olhar de homem de negócios em um momento necessário para o mercado artístico nacional.

Petite Galerie promove arte para o bem

Transformado em realidade por senhoras da sociedade, o leilão da Petite Galerie, que aconteceu na última semana na Golden Room do Copacabana Palace, destinará parte de seus lucros para iniciativas como Ajude uma Criança a Estudar e outras instituições beneficentes. Arrematando surpreendentes 70 milhões ao final da noite, o fenômeno só pode ser explicado pelo espírito da caridade, que tomou conta de todos presentes. Nas paredes da galeria, não alcançariam metade do valor levantado pelo calor da coletividade. O leiloeiro Ernani também dispensou sua comissão de 5% em prol da iniciativa e desceu seu martelo com um largo sorriso no rosto após receber um lance de 8 milhões por um Segall.

O leilão contou com apoio do casal José Luiz e Nininha Magalhães Lins. Ele, sócio da Petite Galerie e com capacidade inesgotável de incentivar as artes; ela na coordenação da noite e a frente das *patronesses*, que foram importantíssimas para o *happy ending* da noite. Num país com tamanhas dificuldades, pode-se pensar que a reunião mais lembrava o Baile da Ilha Fiscal, onde existe quem pode dar alguns milhões por um simples quadro. Eu, por outro lado, penso que é melhor que este capital circule oferecendo aos nossos artistas melhor qualidade de vida e favorecendo milhares de pessoas que dependem das instituições de caridade apoiadas pela Petite Galerie.

O Valor do Inestimável

Apesar das aparentes contradições entre "mercado" e "arte", seu casamento é imprescindível e já bastante acentuado. E o relacionamento vai bem. Os preços dos quadros de pintores nacionais estão atingindo cifras inacreditáveis, transformando o mercado artístico da Guanabara no melhor do Brasil. Isso se dá por diversas razões, como a valorização da produção nacional (seguindo os passos do mercado artístico norte-americano), a facilidade para comprar obras à prazo e a inflação, que torna a arte um investimento atrativo e seguro.

Em momentos de incerteza econômica e volatilidade financeira, proteger o patrimônio é coisa séria. Você sabia que comprar obras de arte é uma solução legal e comprovada para a proteção de ativos? A arte é uma linguagem universal, reconhecida internacionalmente. Um quadro do Picasso, por exemplo, tem um valor intrínseco baseado na sua singularidade, autenticidade e importância histórica e cultural. Também é um ativo tangível (como o ouro ou um imóvel) e que não está diretamente correlacionado com mercados financeiros, o que geralmente significa que seu valor se mantém ou cresce mesmo em períodos inflacionários - diferente do papel-moeda, que perde valor. Portanto, o poder de compra pode ser protegido enquanto os preços dos bens de consumo aumentam rapidamente. Se o artista já estiver morto, a oferta é limitada, ao passo que a demanda vem crescendo com as novas possibilidades de aquisição que visam contemplar as necessidades do cidadão de classe média.

Hoje, o investimento artístico é algo lucrativo, diferente do que acontecia no século passado, quando colecionadores investiam em joias e pedras preciosas. Agora, quando se acerta na escolha ao comprar um quadro, os lucros se multiplicam. Já se sabe que os preços comerciais nem sempre refletem a opinião da crítica e peritos, mas uma boa forma de vislumbrar o termômetro do mercado de arte é indo até um leilão, como o que ocorreu semana passada no Copacabana Palace, pois se torna perfeitamente claro qual o artista da moda pela animação que precede a apresentação dos seus quadros. A moda, contudo, não é sinônimo de bom investimento e darei algumas dicas para os recém chegados.

Caso esteja na dúvida se o quadro combina com o sofá, hoje em dia é possível alugar a obra por um dia ou alguns meses, seguindo a toada das grandes capitais do mundo. O aluguel de obras de arte é um serviço totalmente novo no Brasil, mas foi primeiramente introduzido nos Estados Unidos pelo Museu de San Francisco, para que o potencial comprador pudesse "experimentar" a obra no conforto de sua residência ou escritório, antes de decidir pela aquisição. Após o teste, a obra poderia ser comprada em prestações de até 24 meses. Na sequência, outros espaços adotaram a tendência, como a galeria Corcoran em Washington e o Museu de Belas Artes de Dallas - que já alugou obras de mais de 57 artistas.

Até o empresariado está de olho nas artes. Trago o exemplo do Instituto Britânico de Diretores de Empresa, que fundou um Conselho Consultivo de Arte, com o objetivo de familiarizar homens de negócios com o papel de patronos. Se lá estão precisando aprender, imaginem aqui. Diversas personalidades conhecidas têm apostado na arte e comprado quadros. Os Srs. Leão Gondin de Oliveira, Ibrahim Sued, João Martins Pinheiro, Sérgio Lacerda, João Nader e Jacob Korolik têm adquirido obras em leilões e mostram-se satisfeitos com as escolhas. É importante reconhecer que nada disso seria possível sem a figura curiosa do colecionador, que compra pelo simples prazer de possuir um objeto que talvez, uns vinte anos depois, esteja valendo cinquenta vezes mais. E para aqueles que gostam de jogos, emoções e tem poder aquisitivo, talvez seja melhor gastar seus milhões fortalecendo a arte nacional em um leilão, ao invés de apostar cegamente em mesas de pôquer.

Aproveito para aconselhar os colecionadores de primeira viagem (e talvez os mais experientes também): Dê preferência ao trabalho de artistas vivos, pois eles podem autenticar seus trabalhos, e escolha aqueles que vivem da pintura há mais de vinte anos. Se o artista consegue pagar suas contas, é porque sua arte tem algum valor. Evite pintores que pintam em grandes quantidades, pois sua produção pode ficar desvalorizada. Sempre adquira obras assinadas e não acredite nos que falam que isso é um mero detalhe. Fique esperto, pois uma atividade artística deve basear-se em lucro, ou não existiria. Mas uma coisa é lucro justo e outra, muito diferente, é espoliação, como praticado por algumas galerias que insistem em vender obras sem assinatura e não autenticadas por um valor muito maior do que o praticado no mercado. Não compre arte de qualquer um, vá ao ateliê do artista ou procure "*experts*", como Fraco Terranova da Petite Galerie. E o principal conselho: compre algo que goste! Caso a obra não seja valorizada financeiramente com o tempo, pelo menos há algo bonito nas paredes de sua casa.

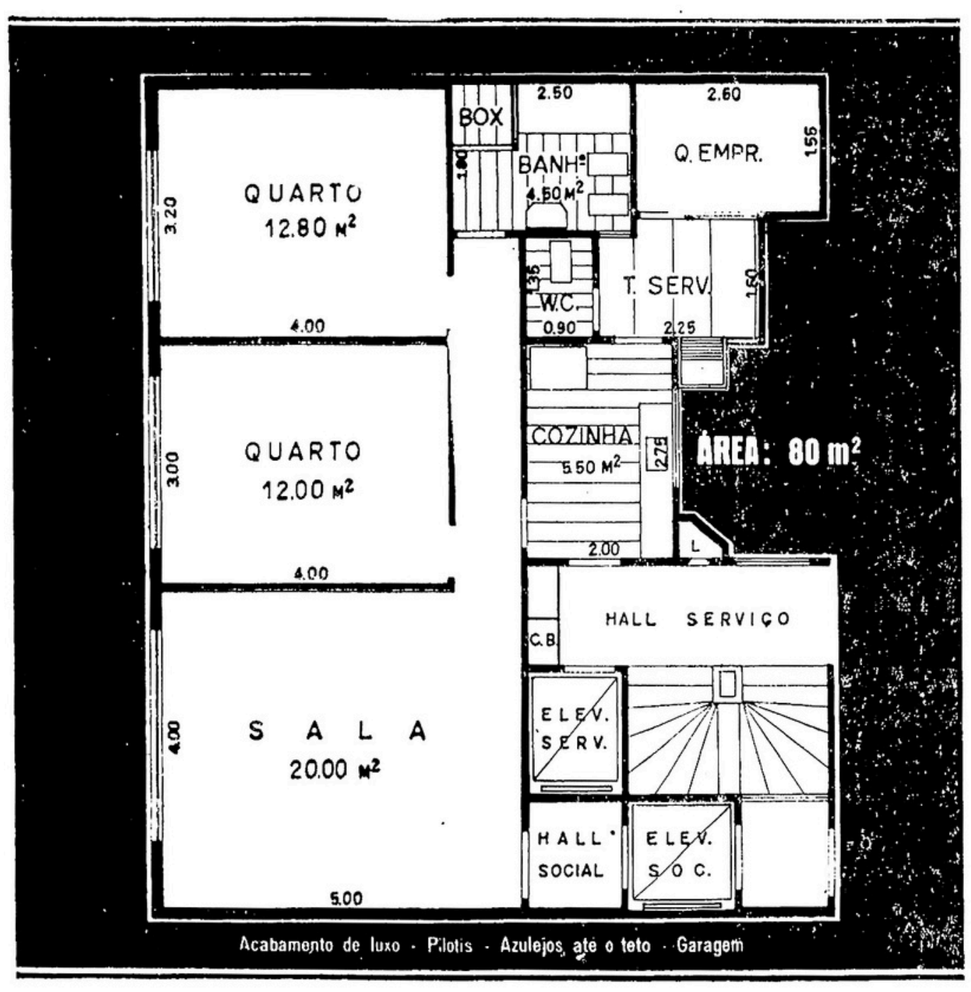
Para V. que esperou...

EM COPACABANA

...Mais uma construção com a garantia de PENNA E FRANCA

EDIFÍCIO JEQUIÉ

Rua Santa Clara, n.º 296



PENNA E FRANCA

INFORMAÇÕES E VENDAS:
Centro - Av. Rio Branco, 114 - 13.º and. - Tels.: 42-4759 e 22-2374
No Local - Diàriamente de 9 às 22 horas